

Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles (trechos)

Parte 1

Fala inicial

Não posso mover meus passos,
por esse atroz labirinto
de esquecimento e cegueira
em que amores e ódios vão:
- pois sinto bater os sinos,
percebo o roçar das rezas,
vejo o arrepio da morte,
à voz da condenação;
- avisto a negra masmorra
e a sombra do carcereiro
que transita sobre angústias,
com chaves no coração;
- descubro as altas madeiras
do excessivo cadafalso
e, por muros e janelas,
o pasmo da multidão.
Batem patas de cavalos.
Suam soldados imóveis.
Na frente dos oratórios,
que vale mais a oração?
Vale a voz do Brigadeiro
sobre o povo e sobre a tropa,
louvando a augusta Rainha,
- já louca e fora do trono -
na sua proclamação.
Ó meio-dia confuso,
ó vinte-e-um de abril sinistro,
que intrigas de ouro e de sonho
houve em tua formação?
Quem ordena, julga e pune?
Quem é culpado e inocente?
Na mesma cova do tempo
cai o castigo e o perdão.
Morre a tinta das sentenças
e o sangue dos enforcados...
- liras, espadas e cruces
pura cinza agora são.
Na mesma cova, as palavras,
o secreto pensamento,
as coroas e os machados,
mentira e verdade estão.
Aqui, além, pelo mundo

ossos, nomes, letras, poeira...
Onde, os rostos? onde, as almas?
Nem os herdeiros recordam
rastro nenhum pelo chão.
Ó grandes muros sem eco,
presídios de sal e treva
onde os homens padeceram
sua vasta solidão...
Não choraremos o que houve,
nem os que chorar queremos:
contra rocas de ignorância
rebenta a nossa aflição.
Choramos esse mistério,
esse esquema sobre-humano,
a força, o jogo, o acidente
da indizível conjunção
que ordena vidas e mundos
em pólos inexoráveis
de ruína e de exaltação
Ó silenciosas vertentes
por onde se precipitam
inexplicáveis torrentes

Romance II ou do ouro incansável

Mil bateias vão rodando
sobre córregos escuros;
a terra vai sendo aberta
por intermináveis sulcos;
infinitas galerias
penetram morros profundos.
De seu calmo esconderijo,
O ouro vem, dócil e ingênuo;
torna-se pó, folha, barra,
prestígio, poder, engenho..
É tão claro! - e turva tudo:
honra, amor e pensamento.
Borda flores nos vestidos,
sobe a opulentos altares,
traça palácios e pontes,
eleva os homens audazes,
e acende paixões que alastram
sinistras rivalidades.
Pelos córregos, definham
negros, a rodar bateias.
Morre-se de febre e fome
sobre a riqueza da terra:
uns querem metais luzentes,
outros, as redradas pedras.
Ladrões e contrabandistas
estão cercando os caminhos;

cada família disputa
privilégios mais antigos;
os impostos vão crescendo
e as cadeias vão subindo.
Por ódio, cobiça, inveja,
vai sendo o inferno traçado.
Os reis querem seus tributos,
- mas não se encontram vassalos.
Mil bateias vão rodando,
mil bateias sem cansaço.
Mil galerias desabam;
mil homens ficam sepultos;
mil intrigas, mil enredos
prendem culpados e justos;
já ninguém dorme tranqüilo,
que a noite é um mundo de sustos.
Descem fantasmas dos morros,
vêm almas dos cemitérios:
todos pedem ouro e prata,
e estendem punhos severos,
mas vão sendo fabricadas
muitas algemas de ferro
por eterna escuridão!

Romance XIV ou da Chica da Silva

Que andor se atavia
naquela varanda?
É a Chica da Silva:
é a Chica-que-manda!
Cara cor da noite
olhos cor de estrela.
Vem gente de longe
para conhecê-la.
(Por baixo da cabeleira,
tinha a cabeça rapada
e até dizem que era feia.)
Vestida de tisso,
de raso e de holanda
- é a Chica da Silva:
- é a Chica-que-manda!
Escravas, mordomos
seguem, como um rio,
a dona do dono
do Serro do Frio.
(Doze negras em redor,
- como as horas, nos relógios.
Ela, no meio, era o sol!)
Um rio que, altiva,
dirige e comanda
a Chica da Silva,

a Chica-que-manda.
Esplendem as pedras
por todos os lados:
são flechas em selvas
de leões marchetados.
(Diamantes eram, sem jaça,
por mais que muitos quisessem
dizer que eram pedras falsas.)
Mil luzeiros chispam,
à flexão mais branda
da Chica da Silva
da Chica-que-manda!
E curvam-se, humildes,
fidalgos farfantes,
à luz dessa incrível
festa de diamantes.
(Olhava para os reinóis
e chamava-os “marotinhos”!
Que viu desprezo maior?)
Gira a noite gira,
dourada ciranda
da Chica da Silva,
da Chica-que-manda!
E em tanque de assombro
veleja o navio
da dona do dono
do Serro do Frio.
(Dez homens o tripulavam,
para que a negra entendesse
como andam barcos nas águas.)
Aonde o leva a brisa
sobre a vela panda?
- A Chica da Silva:
à Chica-que-manda.
A Vênus que afaga,
soberba e risonha
as luzentes vagas
do Jequitinhonha.
(À Rainha de Sabá,
num vinhedo de diamantes
poder-se-ia comparar.)
Nem Santa Ifigênia,
toda em festa acesa,
brilha mais que a negra,
na sua riqueza.
Contemplai, branquinhas,
na sua varanda,
a Chica da Silva,
a Chica-que-manda!
(Coisa igual nunca se viu.

Dom João Quinto, rei famoso,
não teve mulher assim!)

Parte 2

Romance XXVII ou do animoso Alferes

Pelo Monte Claro,
pela selva agreste
que março, de roxo,
místico enflorêsce,
cavalga, cavalga
o animoso Alferes.
Não há planta obscura
que por ali medre
de que desconheça
virtude que encerre,
- ele, o curandeiro
de chagas e febres,
o hábil Tiradentes,
o animoso Alferes.
Por aqui, descansa;
ali, se despede,
que por toda parte
o povo o conhece.
Adeuses e adeuses,
sinceros e alegres:
a amigos, mulatas,
cativos e chefes,
coronéis, doutores,
padres e almocreves...
Adeuses e adeuses,
- que rápido segue,
a mover os rios,
a botar moinhos
e barcos a frete,
lá longe, lá longe,
o animoso Alferes.
A bússola mira.
Toma para leste.
Dez dias de marcha
até que a atravessasse
campinas e montes
que com os olhos mede:
tão verdes... tão longos...
(E ninguém percebe
como é necessário
que terra tão fértil,
tão bela e tão rica
por si se governe!)

Águas de ouro puro
seu cavalo bebe.
Entre sede e espuma,
os diamantes fervem...
(A terra tão rica
e - ó almas inertes! -
o povo tão pobre...
Ninguém que proteste!
Se fossem como ele,
a alto sonho entregue!)
Suspiram as aves.
A tarde escurece.
(Voltará fidalgo,
livre de reveses,
com tantos cruzados...)
Discute. Reflete.
Brinda aos novos tempos!
Soldados, mulheres,
estalajadeiros,
- a todos diverte.
(Por todos trabalha,
a todos promete
sossego e ventura
o animoso Alferes.)
No rancho descansa.
Deita-se. Adormece.
Penosa, a jornada,
mas o sono, leve:
qualquer sopro acorda
o animoso Alferes.
Deus, no céu revoltado,
seu destino escreve.
Embaixo, na terra,
ninguém o protege:
é o talpídeo, o louco,
- o animoso Alferes.
Mas, dourado e roxo,
o campo alvorece.
Desmancham-se as brumas
nos prados celestes.
Acordam as aves
e as pedras repetem
músicas, rumores,
do dia que cresce.
Move-se a tropilha:
que outra vez se apreste
o macho rosilho
do animoso Alferes.
Adeuses e adeuses...
Talvez não regresse.

(Mas que voz estranha
para a frente o impele?)
Cavalga nas nuvens.
Por outros padece.
Agarra-se ao vento...
Nos ares se perde..
(E um negro demônio
seus passos conhece:
fareja-lhe o sonho
e em sombra persegue
o audaz, o valente,
o animoso Alferes.)
Que importa que o sigam
e que esteja inerme,
vigiado e vencido
por vulto solerte?
Que importa, se o prendem?
A teia que tece
talvez em cem anos
não se desenrede
Toledo? Gonzaga?
Alceus e Glaucetes?
- Nenhum companheiro
seu lábio revele.
Que a língua se cale.
Que os olhos se fechem.
(Lá vai para a frente
o que se oferece
para o sacrifício,
na causa que serve.
Lá vai para sempre
o animoso Alferes!)
Adeus aos caminhos!
- montes, águas, sebes,
ouro, nuvens, ranchos,
cavalos, casebres... -
Olham-no de longe
os homens humildes.
E nos ares ergue
a mão sem retorno
que um dia os liberte.
(Pois que importa a vida?
aqui se despede
do sol da montanha,
do aroma silvestre:
- venham já soldados
que a prender se apressem;
venham já meirinhos
que os bens lhe seqüestrem;
venham, venham, venham..

- que sua alma excede
escrivães, carrascos,
juízes, chanceleres,
frades, brigadeiros,
maldições e preces!
Venham, venham, matem:
ganhará quem perde.
Venham, que é o destino
do animoso Alferes.)
De olhos espantados,
do rosilho desce.
Terra de lagoas
onde a água apodrece.
Janelas, esquinas,
escadas... - parece
que há sombras que o espreitam,
que há sombras que o seguem...
Falas sem sentido
acaso repete,
- pois sente, pois sabe
que já se acha entregue.
Perguntas, masmorras,
sentença... Recebe
tudo além do mundo...
E em sonho agradece,
o audaz, o valente,
o animoso Alferes.

Romance XXVIII ou da denúncia de Joaquim Silvério

No Palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
De boca já disse tudo
quanto soube e imaginava.
Ai, que o traiçoeiro invejoso
junta às ambições a astúcia.
Vede a pena como enrola
arabescos de volúpia,
entre as palavras sinistras
desta carta de denúncia!
Que letras extravagantes,
com falsos intuitos de arte!
Tortos ganchos de malícia,
grandes borrões de vaidade.
Quando a aranha estende a teia,
não se encontra asa que escape.
Vede como está contente,
pelos horrores escritos,
esse impostor caloteiro

que em tremendos labirintos
prende os homens indefesos
e beija os pés aos ministros!
As terras de que era dono,
valiam mais que um ducado.
Com presentes e lisonjas,
arrematava contratos.
E delatar um levante
pode dar lucro bem alto!
Como pavões presunçosos,
suas letras se perfilam.
Cada recurvo penacho
é um erro de ortografia.
Pena que assim se retorça
deixa a verdade torcida.
(No grande espelho do tempo,
cada vida se retrata:
os heróis, em seus degredos
ou mortos em plena praça;
- os delatores, cobrando
o preço das suas cartas...)

Romance XLI ou dos delatores

O que andou preso me disse
que dissera o Carcereiro,
que dissera o Capitão..
(Mas pareceu-lhe parvoíce,
e não delatou primeiro
porque não teve ocasião...)
E mais: porque o Carcereiro
depois passara o Meirinho...
E o Capitão, do Ouvidor
fora sempre companheiro...
E que, por esse caminho,
ia-se ao Governador...
Mas agora, que o Meirinho,
o Capitão mais o preso
são da mesma condição...
Já que não têm mais padrinho,
posso fazer com desprezo
a minha declaração.
Digo o que me disse o preso,
que de outro já o tinha ouvido,
que o ouvira de outro... Não são
máximas de grande peso:
mas tudo, bem entendido,
pode envolver sedição.
Eu digo - por ter ouvido -
que os filhos do Reino, em breve,
cativos aqui. serão

Tenha ou não tenha sentido,
quem a dizê-lo se atreve
merece averiguação.
A minha denúncia é breve,
pois nem sei se houve delito,
nem se era conspiração.
Mas, se ninguém os escreve,
aqui deixo, por escrito,
os nomes que adiante vão.
Haja ou não haja delito,
esses nomes assinalo,
e escrevo esta relação.
O que outros dizem, repito.
E apenas meu nome calo,
por ser o mais fiel vassalo,
acima de suspeição.

Parte 3

Romance XLIX ou de Cláudio Manuel da Costa

“Que fugisse, que fugisse...
- bem lhe dissera o embuçado! -
que não tardava a ser preso,
que já estava condenado,
que, os papéis, queimasse-os todos...
Vede agora o resultado:
mais do que preso, está morto,
numa estante reclinado,
e com o pescoço metido
num nó de atilho encarnado.
- Isto é o que conta o vizinho
que ouviu falar o soldado.
Mas do corpo ninguém sabe:
anda escondido ou enterrado?
Dizem que o viram ferido,
ferido, e não sufocado:
de borco em poça de sangue,
por um punhal traspassado.
- Dizem que não foi atilho
nem punhal atravessado,
mas veneno que lhe deram,
na comida misturado.
E que chegaram doutores,
e deixaram declarado
que o morto não se matara,
mas que fora assassinado.
E que o Visconde dissera:
“Dai-me outro certificado,
que aquele ficou perdido

por um tinteiro entornado!”
E quem vai saber agora
o que se terá passado?
- Talvez o morto fosse outro,
em seu lugar colocado.
A sombra da noite escura
encobre muito pecado.
Talvez pelo subterrâneo
fosse ao Palácio levado...
Era homem de muitas luzes,
pelo povo respeitado;
Secretário do Governo,
que vivia em grande estado:
casa de trinta aposentos,
muito dinheiro emprestado,
e do velho João Fernandes,
dono do Serro, afilhado!
- Não creio que fosse morto
por um atilho encarnado,
nem por veneno trazido,
nem por punhal enterrado.
Nem creio que houvesse dito
o que lhe fora imputado.
Sempre há um malvado que escreva
o que dite outro malvado,
e por baixo ponha o nome
que se quer ver acusado...
Entre esta porta e esta ponte,
fica o mistério parado.
Aqui, Glauceste Satúrnio,
morto, ou vivo disfarçado,
deixou de existir no mundo,
em fábula arrebatado,
como árcade ultramarino
em mil amores enleado.

Romance LII ou do carcereiro

Isso é o que diz o embargo.
Mas eu, cá para mim,
acho que, nesta história,
ele vai ter mau fim.
A esse é que levarão,
pelas ruas afora,
com baraço e pregão.
Nunca lhe deram nada.
Quem lhe daria agora
perdão?
Nunca o escrivão escreve
o que a vítima diz.
Não tem lei nem justiça

quem nasceu infeliz.
A verdade não vem
defender acusados...
Não se entende ninguém.
Tudo isto é enredo grande,
e, por todos os lados,
falsidades se vêem.
A roda anda e desanda,
e não pode parar.
Jazem no fundo, as culpas:
morrem os justos, no ar.

Romance LV ou de um preso chamado Gonzaga

Quem sabe o que pensa o preso
que todas as leis conhece,
e continua indefeso!
Aquele magistrado
que digno fora, e austero,
agora te aparece
criminoso. E pondero:
Tudo no mundo mente.
(Daqui nem ouro quero...)
Pode ser que assim falasse
e pode ser que corresse
lágrimas, por sua face.
No remoto Passado
fica o semblante vero,
do que hoje aqui padece.
Mas não me desespero,
que a vida é sem Presente.
(Daqui nem ouro quero...)
Mas eram falas perdidas,
que havia léguas e léguas
de sua vida e outras vidas...
Inocente, culpado?
Enganoso? Sincero?
Por muito que o confesse,
o amor não recupero.
No entanto, ó surda gente,
daqui nem ouro quero...

Parte 4

Romance LXXI ou de Juliana de Mascarenhas

Juliana de Mascarenhas
que andas tão longe, a cismar,
levanta o rosto moreno,
lança teus olhos ao mar,
que já saiu barra afora,

grande e poderosa nau,
Senhora da Conceição,
Princesa de Portugal.
Vai para o degredo um homem
que breve irás encontrar
- claros olhos de turquesa,
finos cabelos de luar.
Vai para o degredo um poeta
que se não pôde livrar
de Vice-Reis e Ministros
e Capitão-General.
E era a flor do nosso tempo!
E era a flor deste lugar!
Lá se vai por essas ondas,
por essas ondas se vai.
Seca-lhe o vento nos olhos
perolazinhas de sal;
seca-lhe o tempo no peito
sua força de cantar;
as controvérsias dos homens
secam-lhe no lábio os ais;
e as saudades e os amores
não sabe o que os fez secar.
Juliana de Mascarenhas,
distante rosa oriental,
estende os teus negros olhos
por essas praias do mar:
vê se já não vai baixando,
vê se já não vai baixar,
dentre as velas, dentre as cordas,
dentre as escadas da nau,
aquele que vem de longe,
aquele que a sorte traz
- quem sabe, para teu bem,
- quem sabe, para seu mal...
Ai, terras de Moçambique,
ilha do fino coral,
prestai atenção às falas
que vão correndo pelo ar:
“Aquele é o que vem de longe,
que se mandou degredar?
Por três anos as masmorras
o viram, triste, a pensar.
Os amigos que tivera,
amigos que não tem mais,
foram para outros degredos;
- Deus sabe quem voltará!
A donzela que ele amava,
entre lavras do ouro jaz;
na grande arca do impossível

deixou dobrado o enxoval,
uma parte, já bordada,
outra parte, por bordar.
Muito longe é Moçambique..
- Que saudade a alcançará?”
Juliana de Mascarenhas,
Deus sempre sabe o que faz:
põe teu vestido de tisso,
bracelete, anel, colar.
Mais do que Marília, a bela,
poderás aqui brilhar.
Vem ver este homem tranqüilo
que mandaram degredar.

Romance LXXIII ou Da Inconformada Marília

Pungia a Marília, a bela.
negro sonho atormentado:
voava seu corpo longe,
longe, por alheio prado.
Procurava o amor perdido,
a antiga fala do amado.
Mas o oráculo dos sonhos
dizia a seu corpo alado:
“Ah, volta, volta, Marília,
tira-te desse cuidado,
que teu pastor não se lembra,
de nenhum tempo passado...
E ela, dormindo, gemia:
“Só se estivesse alienado!”
Entre lágrimas se erguia
seu claro rosto acordado.
Volvia os olhos em roda,
e logo, de cada lado,
piedosas vozes discretas
davam-Lhe o mesmo recado:
“Não chores tanto, Marília,
por esse amor acabado:
que esperavas que fizesse
o teu pastor desgraçado,
tão distante, tão sozinho,
em tão lamentoso estado?”
A bela, porém, gemia
“Só se estivesse alienado!”
E a névoa da tarde vinha
com seu véu tão delicado
envolver a torre, o monte,
o chafariz, o telhado...,
Ah quanta névoa de tempo,
longamente acumulado...
Mas os versos Mas as juras

Mas o vestido bordado!
Bem que o coração dizia
- coração desventurado -
“Talvez se tenha esquecido...”
“Talvez se tenha casado...”
Seu lábio, porém, gemia:
“Só se estivesse alienado!”

Parte 5

Retrato de Marília em Antônio Dias

(Essa, que sobe vagarosa
a ladeira da sua igreja,
embora já não mais o seja,
foi clara, nacarada rosa.
E seu cabelo destrançado,
ao clarão da amorosa aurora,
não era esta prata de agora,
mas negro veludo ondulado.
A que se inclina pensativa,
e sobre a missa os olhos cerra,
já não pertence mais à terra:
é só na morte que está viva.
Contemplam todas as mulheres
a mansidão das suas ruínas,
sustentada em vozes latinas
de réquiens e de misereres.
Corpo quase sem pensamento,
amortalhado em seda escura,
com lábios de cinza murmura
“memento, memento, memento...”,
ajoelhada no pavimento
que vai ser sua sepultura.)

Romance LXXXIII ou da Rainha morta

Ah! Nem mais rogo nem promessa
nem procissão nem ladainha:
somente a voz do sino grande
que brada: “Está morta a Rainha!”
Ai, a neta de Dom João Quinto!
Ai, a filha da Marianinha!
Tão gasta pela idade, apenas
a amarga loucura a sustinha.
E eram ecos da artilharia,
dos navios, das fortalezas...
Bandeiras tristes, vasto pranto
de criados, fidalgos, princesas...
No altar, a cruz a abrir os braços
para a miséria das grandezas.

Em redor da cama, os tocheiros,
com chorosas tochas acesas.
Ordens de Cristo, Avis, São Tiago,
cobrindo-lhe o negro vestido.
Manto de veludo encarnado,
de estrelas de ouro guarnecido.
O braço esquerdo, sobre o peito,
O outro, nas sedas estendido:
e toda a corte prosternada,
nesse beija-mão comovido.
Em caixões de lhama e de chumbo,
foi seu velho corpo guardado.
Mil perfumes o socorriam
para manter-se embalsamado.
E o resto eram franjas e borlas
e veludo preto agalado
e o cetro e a coroa marcando
o fim de um trágico reinado.
Era o clero, a nobreza, o povo
e, entre aspersiones e responsórios,
estolas, reverências, velas,
a oscilação dos incensórios.
E cavalos de mantas pretas
levando a vagos territórios
um pequeno corpo sozinho,
perdido em régios envoltórios.
O resto era a noite, a lembrança
daquela mão, póstuma e pura,
que causara degredo e morte
com sua breve assinatura,
e logo lavara o seu gesto
no eterno fogo da loucura.
Coches negros nas ruas negras.
Lento ritmo de negros vultos.
Deslizava o enterro solene.
E, no enorme silêncio ocultos,
os pensamentos recordavam
tempos e rostos insepultos...

Fala dos inconfidentes mortos

Treva da noite,
lanosa capa
nos ombros curvos
dos altos montes
aglomerados...
Agora, tudo
jaz em silêncio:
amor, inveja,
ódio, inocência,
no imenso tempo

se estão lavando...
Grosso cascalho
da humana vida...
Negros orgulhos,
ingênua audácia,
e fingimentos
e covardias
(e covardias!)
vão dando voltas
no imenso tempo,
- à água implacável
do tempo imenso,
rodando soltos,
com sua rude
miséria exposta...
Parada noite,
suspensa em bruma:
não, não se avistam
os fundos leitões...
Mas, no horizonte
do que é memória
da eternidade,
referve o embate
de antigas horas,
de antigos fatos,
de homens antigos.
E aqui ficamos
todos contritos,
a ouvir na névoa
o desconforme,
submerso curso
dessa torrente
do purgatório...
Quais os que tombam,
em crime exaustos,
quais os que sobem,
purificados?

FIM

